



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

VOZ E VERDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS PRONUNCIAMENTOS DE JOSÉ SERRA E DILMA ROUSSEFF

Nicolle Casanova¹

Resumo: Fundamentada teoricamente na Análise do Discurso de linha francesa, a pesquisa toma como objeto sequências discursivas extraídas dos pronunciamentos dos então candidatos José Serra e Dilma Rousseff veiculados no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) do pleito presidencial de 2010. Os objetivos do trabalho consistem na descrição e na interpretação dos efeitos de sentido de franqueza, de espontaneidade e de autenticidade produzidos, focalizando as funções que certos elementos prosódicos da voz desempenham nessa produção. Os resultados da pesquisa revelaram que o enunciador político vale-se de expedientes prosódicos concernentes à melodia (entoação e tessitura), à dinâmica da fala (tempo e pausa) e ainda à qualidade da voz (volume e timbre), com vistas a produzir os efeitos de que seus enunciados são autênticos e suas enunciações, francas e espontâneas.

Palavras-chave: discurso político; voz; HGPE.

Abstract: Theoretically based on the Discourse Analysis derived from Michel Pêcheux's works, this research takes as its object discursive sequences extracted from the candidates José Serra and Dilma Rousseff's pronouncements aired on free television time for political advertising (Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral) of the 2010 presidential elections. This work's goals are the description and interpretation of the effects of frankness, spontaneity and authenticity produced in these statements, focusing on the role that certain prosodic elements of their voices play in the process. It was found that, despite ideological and, by extension, discursive differences, both candidates mobilize prosodic mechanisms concerning voice melody, dynamics and quality, in order to produce the effect that their statements are authentic and their enunciation, frank and spontaneous.

Keywords: political discourse; voice; HGPE.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (CAPES/PPGL-UFSCar).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

Embora sejam inegáveis os avanços da Linguística desde sua emergência em meados do século XIX, um levantamento realizado por Piovezani, em 2009, constatou que os estudos desta área relacionados à investigação dos usos e efeitos da voz no campo político mediante uma abordagem discursiva são bastante escassos no Brasil, de modo que se torna imprescindível para o desenvolvimento dos estudos discursivos empregar esforços na interpretação de fenômenos relativos ao discurso nos quais a relação entre som e sentido se mostra essencial. Entre a bibliografia levantada, poucas obras sob o prisma discursivo emprestam importância às funções desempenhadas pelos elementos linguísticos segmentais e suprasegmentais na produção do sentido, enquanto alguns estudos fonológicos já se atentam ao fato de que o fazer sentido na história envolve propriedades e modulações da voz. No Brasil, mais especificamente, parecia não haver trabalhos na Análise do Discurso (doravante AD) que investigassem o uso da voz no campo político a partir dos postulados da AD derivada de Michel Pêcheux e seu grupo.

Justamente a partir da percepção dessa escassez tornou-se pertinente e relevante o empreendimento de uma pesquisa sobre alguns usos da voz do homem político contemporâneo, mais particularmente, aqui, aqueles que incidem nos efeitos de verdade produzidos em seu discurso. Considerando que os pronunciamentos veiculados pelos meios televisivos na atualidade frequentemente têm sua origem a partir de um indivíduo que não o locutor político (devido ao trabalho massivo das assessorias políticas e equipes de marketing), este fica incumbido da tarefa de forjar “uma coincidência entre a origem e a performance do dizer” (Piovezani, 2011), e dá margem para que procuremos nas inflexões de sua voz as marcas de tentativa de construção do efeito de que, na verdade, é ele próprio o autor² de sua fala.

Desta forma, quando se presume que a fala de um candidato ou de um titular de uma função pública não foram pensadas por ele mesmo, temos por consequência que, por um lado (da escuta), se reforça a clássica desconfiança que recai sobre o discurso político e, por outro

² Em relação ao conceito de autoria, estamos nos baseando, aqui, na “função autor” discutida por Michel Foucault em seu célebre texto “O que é um autor?” (1992). Neste contexto, o autor, que para além da responsabilidade criativa e da capacidade de forjar coerência e singularidade entre os textos produzidos, constitui-se enquanto “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 1992, p. 46).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(da fala), aumenta-se o esforço do enunciador político para afastar de si a característica de mentiroso, com a tentativa de simular que seu pronunciamento é autêntico, espontâneo e sincero, correspondente com seus próprios pensamentos e intenções. Para tanto, é essencial aos candidatos o uso de estratégias discursivas que mobilizam não apenas uma série de recursos linguísticos, como modalizações, interpelações e marcas da oralidade, mas também um conjunto de modulações prosódicas no uso de sua voz, estratégias essas que são objetos privilegiados de nossa investigação.

Metamorfoses do discurso político

O discurso político partidário, objeto privilegiado da Análise do Discurso desde seu advento, no qual se deu a subordinação, na base epistemológica da AD, de aspectos da Linguística e da Psicanálise ao materialismo histórico na busca pelo esclarecimento da ideologia ali contido, oferecia, entretanto, apenas *corpora* verbais, de maneira escrita ou transcrita, para a análise que se baseava no rastreamento de sequências parafrásticas nas quais o sentido se engendra. Da mesma forma, no Brasil, alguns trabalhos dedicaram-se à análise de jingles, slogans, horário eleitoral gratuito e debates, mas privilegiando frequentemente discursos de períodos ditatoriais ou de transição desses períodos para as eras democráticas (cf. Osabake ([1979] 1999), Fiorin (1988), Indursky (1997), Orlandi ([1985] 1996) e Zoppi-Fontana (1997)). Devido às notáveis transformações do próprio quadro político nacional e, por consequência, do discurso político contemporâneo, passou-se a amadurecer a pertinência da ampliação dos objetos de análise, já que

[...] o alcance e o espaço do discurso no campo político oscilam, direta ou indiretamente, conforme tenhamos uma democracia ou um regime autoritário: no primeiro caso, a prática discursiva usufrui das condições formais de um debate entre as diversas posições ideológicas; no segundo, sua função tende a limitar-se a uma modalidade unilateral de legitimação. Por essa razão, o discurso político brasileiro passou por metamorfoses quanto aos interdiscursos aos quais ele se filia, ao intradiscurso que o formula e aos suportes materiais por meio dos quais ele se manifesta e circula na sociedade contemporânea (PIOVEZANI, 2009, p. 171).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Essas transformações do discurso político brasileiro contemporâneo são, ainda segundo Piovezani, reflexo, basicamente, de transformações históricas e técnicas ocorridas no Brasil e alhures a partir da segunda metade do século XX, como, por exemplo, a queda dos regimes totalitários ditatoriais, a despolitização, o individualismo exacerbado, o predomínio do privado sobre o público, as novas tecnologias midiáticas, as estratégias publicitárias absorvidas pelo universo político e as configurações semiológicas sincréticas do discurso político veiculado pela televisão. Com efeito, Pêcheux apontava, em seus últimos escritos, uma forte tendência midiática nos discursos políticos contemporâneos, estabelecendo uma relação cada vez mais intensa com as mídias tecnológicas (Maldidier, 2003). Com estas transformações, agregam-se à fala política novos valores, novas táticas, novos suportes materiais de transmissão e novas configurações semióticas. Assim, configura-se um discurso político de natureza audiovisual (vocal e imagético), formulado a partir de uma heterogeneidade de gêneros discursivos, que simula a propaganda televisiva ou outros gêneros da programação “normal” da tevê, tirando proveito dos caminhos abertos por sua transmissão por esse tipo de mídia, e que tende a se recusar ao compromisso e ao engajamento ideológico efetivo, preferindo a adoção da postura do “homem cordial”, que contrafaz uma conversa íntima em ambiente informal. A fim de adotar essa postura, o candidato político tem de mobilizar não mais apenas verbo, mas corpo e voz, para produzir efeitos de verdade do que diz e de autenticidade do dizer (Piovezani, 2009, p. 29, 276, 300 e seguintes).

A linguagem televisiva é caracterizada por inserir seu telespectador em uma relação de intimidade e proximidade que, ao contrário dos discursos de palanque, é uma “ilusão”, forjada a partir de técnicas audiovisuais que reproduzem efeitos do real (cf. Courtine, 2003 e Piovezani, 2005). Desta feita, a projeção da imagem do corpo do sujeito enunciador do discurso político televisivo é, certamente, subordinada a parâmetros técnicos visuais que, por sua vez, não são isentos de condicionamento histórico e antropológico, ou seja, nesse contexto, os ângulos, os enquadramentos e os movimentos de câmera, por exemplo, significam na enunciação do discurso político. As investidas de manipulação destes modos de significação do discurso e da constituição da imagem do enunciador resultam em um corpo político que não mais é um corpo, na concepção biológica e social, mas um *rostro* e uma *silhueta* (Piovezani, 2009, p. 266), com modos de apresentação e movimentos controlados



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

com base em um processo antropológico cultural e político-histórico de transformações, inclusive tecnológicas.

Na esteira destas transformações também está, certamente, a voz, parte constituinte do corpo político. Da mesma forma que se metamorfoseou a expressão corporal, passando dos gestos grandiosos à sutileza, a voz, que era não raro empregada em altos volumes, foi suavizada e seus tons feitos melodias sutis. A cultura do regime democrático condicionou, de uma vez por todas, a voz do “homem cordial” que se nos apresenta como corpo político. A linguagem audiovisual representou a concessão de uma maior liberdade para transitar entre as estratégias argumentativas, já que

Uma das conseqüências desses avanços técnicos, em consonância com várias transformações históricas, é que a gravação da imagem e do som abriu a possibilidade de um olhar e de uma escuta de si, e instaurou, por conseguinte, um tipo particular de controle e autocorreção” (PIOVEZANI, 2009, p. 267).

Ainda, em uma perspectiva histórica mais recente, que ecoa a tradição dos logógrafos da Antiguidade, um importante fator regula a contínua metamorfose do discurso político: a formulação prévia do conteúdo do discurso, por parte de assessorias políticas e agências de propaganda e marketing, fruto por natureza das transformações sociais e das tendências de progressiva divisão do regime de trabalho: a escrita prévia e a performance ulterior. O aspecto subjetivo que deverá permear o discurso quando de sua enunciação, portanto, deverá ser forjado pelo enunciador, a saber, o candidato político ou titular de cargo de poder, mediante mobilização dos instrumentos de que dispõe para a persuasão e para afastar de si qualquer imagem pouco sincera e pouco honesta: novamente, seu corpo e sua voz. Diante do flagrante dessa simulação, tangenciamos o conceito de autoria, já que a fonte da voz que profere o discurso não será, necessariamente, a mesma que o formula. A descontinuidade entre a tricotomia constituição/formulação/circulação do processo discursivo proveniente da dissonância entre as duas modalidades linguísticas em questão, quais sejam, a escrita e a oralidade, por um lado, ocasionam um aumento considerável da já clássica desconfiança que recai sobre o campo político e, por outro, exige um empenho ainda maior por parte dos enunciadores no intuito de fazer-se espontâneo e de fazer soar autêntico seu desempenho.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Esta breve consideração sobre o desenvolvimento da Análise do discurso e sobre causas e consequências das metamorfoses do discurso político deixa claro, assim, que uma análise discursiva pautada unicamente nos aspectos verbais não possibilita abarcar satisfatoriamente a natureza sincrética dos objetos simbólicos que significam nos discursos políticos contemporâneos, nem tampouco a complexa questão que surge a partir da constatação de que a formulação daquele dizer, no momento de sua textualização, não coincide com a voz que o põe em circulação.

Parece-nos pertinente, portanto, como já dito, que se congregue a necessidade da Análise do Discurso de desenvolver de maneira mais eficaz os estudos acerca dos suportes materiais do discurso e das outras substâncias que, junto ao verbo, nele significam, com as recentes transformações dos modos de veiculação midiáticos dos pronunciamentos políticos contemporâneos, cuja formulação sincrética exige uma interpretação que abarque cada uma de suas modalidades semióticas e cada etapa do processo discursivo. O próprio Pêcheux já indicava, de maneira sutil, as modificações necessárias para a adaptação do dispositivo teórico-metodológico da AD a este novo objeto de observação, sugerindo uma perspectiva heterogênea que alcançasse novas materialidades discursivas, mas o discurso político veiculado na mídia não fora, ainda, considerado em todas as suas dimensões significativas e as diretrizes traçadas por Pêcheux nem sempre redundaram em necessárias e suficientes transformações epistemológicas para tal empreendimento.

É justamente com este fim que temos buscado embasamento na denominada Semiologia Histórica, abordagem proposta por J-J. Courtine (2006) que, congregando aspectos da Análise do Discurso e atentando às contribuições de Foucault, da História Cultural, da Semiologia e da Antropologia Histórica, propõe-se a interpretar o sincretismo de modalidades semióticas dos discursos sem deixar de lado sua dimensão histórica constitutiva. As principais contribuições dessa abordagem aos estudos discursivos são a atenção redobrada dispensada ao sincretismo das linguagens e de outras substâncias de dimensão simbólica no discurso e à sua espessura histórica, de modo a fazer com que nosso trabalho siga fielmente o fundamental pressuposto da AD, qual seja, o de que o discurso se constitui justamente no lugar de articulação entre a linguagem e a história. Assim, podemos emprestar a devida importância às especificidades de cada sistema semiótico constitutivo da configuração



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

semiológica dos discursos, aos condicionamentos antropológicos da linguagem e de suas formas de expressão, às maneiras singulares pelas quais os sujeitos se apropriam dos discursos e às diferentes temporalidades históricas que exercem influência na constituição e formulação dos discursos (Sargentini, Curcino e Piovezani, 2011).

É porque passamos a focalizar um novo aspecto de um dos objetos privilegiados de análise da AD, a saber, os efeitos de sentido em cuja produção incidem as modulações vocais aí utilizadas, que nos vemos impelidos a refletir e a eventualmente deslocar alguns de seus dispositivos teórico-metodológicos. Buscamos, assim, em outras disciplinas, que de alguma forma já lidaram com a fala pública, com as diferentes significações da substância fônica ou com a dimensão simbólica do corpo, princípios e procedimentos para o trato das relações som/sentido. Mais especificamente, estamos interessados no tratamento específico dos significados da substância fônica para melhor nos situarmos na investigação dos sistemas semiológicos que constituem os discursos políticos na contemporaneidade. Desta feita, tendo em vista a produtividade de sua capacidade heurística, buscamos na Fonologia, na Sociolinguística e, principalmente, na Retórica e na Fonética contemporânea eventuais aportes que, absorvidos pela perspectiva discursiva, nos oferecessem um dispositivo teórico-metodológico adequado para as necessidades desse trabalho.

A voz de hoje: análise discursiva e um pronunciamento de Dilma Rousseff

Em um programa veiculado durante o segundo turno do pleito presidencial de 2010, assistimos a um registro biográfico de Dilma Rousseff, com a exposição de fotografias às quais acompanha a voz de um locutor expressivo, entre interferências de depoimentos curtos da própria candidata. A introdução desta biografia pessoal e profissional é uma seqüência de imagens que, ilustrando a apresentação do locutor, remontam a trajetória política de Lula enquanto um operário que teve sensibilidade e competência para chegar à Presidência. Esta sensibilidade é a deixa para que Dilma, por sua vez, seja apresentada, como uma mulher que, além de sua força, pela natureza de seu gênero, transborda da sensibilidade que elegeu Lula. O locutor diz, através de uma fala enfática: **O Brasil está querendo fazer história mais uma vez.** E um pronunciamento de Dilma entrecorta a voz do locutor, no qual a candidata fala em volume muito alto, por trás de um palanque, com longas pausas e tessitura alta, como que



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

emocionada: **Em nome de to:das as mulheres do Brasil,:,: em especial:: da minha mãe: e da minha filha.** E o locutor prossegue com a fala enfática: **Está nas nossas mãos,:,: eleger: a primeira mulher:: presidente do país.**

É em meio a este tom de emotividade que o relato da biografia de Dilma se inicia. A voz do locutor que a narra segue o mesmo padrão daquela analisada, a saber, padrões melódicos ecoativos, acentos de insistência que alongam sílabas tônicas e tornam as variantes segmentais mais salientes, oscilações de pitch e ritmo cadenciado. Esta fala enfática³, acompanhada de volume baixo, empresta maior valor ao argumento que se constrói e, ainda, uma tentativa de impressionar o interlocutor. O elemento persuasivo de maior força, aqui, é a expressão da emotividade contida nas alterações de pitch e nos acentos de insistência que, ao que tudo indica, são expressões incontrolláveis do estado anímico do locutor.

Em seguida, figurando em um jardim, sentada em um banco, Dilma nos oferece o que parece ser seu pronunciamento mais informal até o momento. A transmissão de sua imagem é interrompida, diversas vezes, para a exibição de alguma fotografia que confere um estatuto de verdade àquilo que está sendo narrado, afinal, a fotografia não é senão uma apreensão concreta de um momento específico, uma reprodução fiel da realidade. Assim, quando Dilma diz “**O [Colégio] Estadual Central:: e:ra:: uma:: efervescência**”, imagens de movimentos políticos organizados neste ambiente figuram em preto e branco. “**Me senti: como um peixe dentro d'água.: Achei ali o máximo.: Achei aquela,: aquele,: aquele negócio, o Brasil tem de mudar**”. Aqui, além do poder de construção de efeito de verdade inerente aos registros fotográficos apresentados, Dilma demonstra hesitação na construção de sua fala, no trecho “aquela, aquele, aquele negócio”, sugerindo uma formulação espontânea de seu discurso. Ainda, reforçando a autenticidade da enunciação, os movimentos de seus braços e de sua cabeça, que repetem movimentos circulares expansivos, além da velocidade oscilante de sua fala e da entoação ascendente em suas sentenças, reproduzem e tal “efervescência” a que se refere, reflexo de toda a emotividade que a memória daquela época suscita em si mesma. Essa emotividade, portanto, revela a intimidade de Dilma, seus movimentos mais subjetivos, e

³ Um dos quatro padrões de fala identificados por Madureira (1996), quais sejam: fala enfática, fala tensa, fala distensa e fala dramática. A primeira, por sua vez, assegura ao falante, através de movimentos vocais vigorosos, acentos específicos de reforço e eco da melodia, a posição de autoridade.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

constróem um *ethos* relacionado à imagem de alguém que “sente” o Brasil e se entrega a este sentimento, de corpo e alma.

Dilma continua a deixar entrever, em seus discursos, por meio das modulações do gesto vocal e corporal, sua natureza mais íntima, figurando como uma mulher sensível, como posto anteriormente. Veja:

Acho **que a gente quando nasce: o filho, sabe qual a sensação? Que ‘cê é uma pessoa privilegiada.:: Essa:: doação: sem pedir nada em troca.:: É única,:: é única na vida.**

Para além da construção frasal pautada na topicalização de “a gente” e “quando nasce o filho”, ambos correlacionados com o termo “a sensação”, movimento que por si só já seria um indício poderoso da formulação espontânea da fala de Dilma, observamos também uma oscilação no volume de voz, que aumenta em trechos como “sabe qual a sensação?” e “uma pessoa privilegiada”, indicando alguma exaltação proveniente da alegria à qual se refere, e diminui em trechos como “sem pedir nada em troca” e “é única na vida”, como se se adequasse à distância estabelecida entre ela e seu interlocutor, simulando uma conversa entre amigos e uma revelação de intimidade.

Estabelecendo um contraponto com esse *ethos* pautado quase que exclusivamente na dimensão emocional da candidata, sua trajetória profissional começa a ser exposta, enquanto uma mulher que, ocupando cargos de grande poder no Brasil, foi uma das grandes pioneiras na história do universo político brasileiro. E aí ela afirma:

Porque também tem o estereótipo, né?:: Frágil e meiga.:: A gente é frágil e meiga: mas não é só frágil e meiga.:: Somos capazes de decidir, temos:: posição,:: somos: assertivas.

Nesse pronunciamento, a postura de Dilma sofre modificações interessantes. Aqui, em contraposição com os últimos trechos analisados, observamos movimentos vigorosos de seu corpo e de seu aparelho fonador. Onde antes se via abrir espaço para deixar aflorar justamente seu caráter “meigo”, aqui temos firmeza, com movimentos incisivos dos punhos cerrados e olhar fixo no interlocutor que a entrevista. Em relação a esta firmeza, também observamos, no que toca à sua voz, a ausência dos índices de hesitação, um aumento do volume, uma



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

desaceleração no tempo de fala, causada pelo alongamento das pausas e das sílabas tônicas, e uma diminuição do nível da tessitura. A mobilização destes recursos reproduzem uma atitude de autoridade, de racionalidade, de insistência no valor e na força de seus argumentos. Temos que Dilma demonstra e reproduz, na prática, com seu corpo e sua voz, as características de que fala: capacidade de tomar decisões, assumir posições, ser assertiva. A forma de dizer, novamente, funciona como uma prova concreta da veracidade daquilo que diz, e reflete, supostamente, aquilo que a candidata vive e em que acredita. Ainda, em outro trecho, Dilma assume a mesma postura:

O Lula:: deu: a certeza pra eles [povo],:: que era obrigação do Estado fazer,::: que não era esmola nenhuma.:: Como é que é que esse país não ia fazer aquilo?::: Né?::: Então eu acho que isso::: é uma forma de respeito.

Mobilizando os mesmos recursos, alongando o uso das pausas ainda mais, Dilma reforça seu *ethos* resolutivo. Vemos se estruturar neste programa, portanto, uma relação de complementaridade entre os extremos da emoção e da razão, da subjetividade e da objetividade, aqui, revestidos dos caracteres da espontaneidade e da franqueza da enunciação, um simulacro de uma entrevista cordial sem roteiro a ser seguido, no qual a candidata põe-se vulnerável às instabilidades do quadro enunciativo e dos movimentos de seus estados anímicos. Os efeitos de sentido que daí emergem, quais sejam, o da autenticidade, da sinceridade, da acessibilidade de suas emoções e das resoluções de sua crença, dão origem a um *ethos* de moralidade e competência do qual ela logo se apossa.

As vozes de hoje: análise discursiva de um pronunciamento de José Serra

Em um programa do PSDB, veiculado também no segundo turno das eleições de 2010, recorrendo a uma desconstrução da imagem que Dilma tenta circular com suas próprias propagandas, este programa apresenta populares se referindo à figura da candidata. Em meio ao mesmo jingle que figura no primeiro programa do PSDB, após a pergunta “E a Dilma fez o quê?”, uma senhora aparentemente de origem humilde diz enfaticamente, com um movimento de ombros resignado: “nada”, palavra proferida com uma tessitura aguda, e um alto volume



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

de voz, indicando contestação. E em seguida, um jovem bem vestido afirma: “A **Dilma** é uma **in:ven:ção** de propaganda”, o que indica, sendo dito de maneira pausada e com sílabas tônicas bem salientes, que o falante tem grande confiança no que diz. Desta forma, de maneira análoga à construção feita no primeiro programa, vemos aqui representadas duas classes sociais aparentemente distintas compartilhando da mesma opinião em relação à candidata do PT: seja uma mulher de idade avançada proveniente das camadas sociais mais baixas ou um jovem que desfruta de maior prestígio, todos enxergam a inaptidão de Dilma para a Presidência da República.

Podemos enxergar a formação de um projeto de englobar toda a comunidade brasileira em seus pronunciamentos e em suas intenções políticas no trecho seguinte, no qual José Serra faz um pronunciamento sobre a importância da juventude brasileira.

Grande parte do talento do povo brasileiro:: está, na verdade, na força da nossa juventude, na moçada: e na rapazeada: do bem, que ‘tão trabalhando para levar a vida, estudar, arrumar um emprego: e ser feliz. É ou não é?: Afinal de contas, é a prova dos nove, fala a verdade. E andando por esse Brasilzão inteiro, quanto talento, quantos jovens não estão aí: precisando: só de um incentivo, às vezes um pequeno incentivo, pra mostrar do que são capazes. É por isso que eu quero fazer: um governo: amigo: dos jovens brasileiros. Porque é como diz a música dos Titãs, a gente: não quer só comida, a gente quer comida, diversão: e arte.

É evidente, no desenvolver de toda a sua fala, seu esforço para empregar uma variante linguística condizente com aquela presente no universo dos jovens, a começar pela adequação de formas linguísticas como “moçada”, “rapazeada” ou “Brasilzão”. As marcas da variante coloquial da língua são aqui levadas ao limite, como se observa em trechos como “[...] fala a verdade”, e “quantos jovens não estão aí”, tentando reproduzir a fala da juventude brasileira e se inserir no universo ao qual eles pertencem. Ao se expressar de maneira análoga àquela de que os jovens se utilizam, Serra procura demonstrar que os compreende e que sabe dizer e fazer o que será, de fato, relevante para este grupo social. Esta tentativa de se inserir neste grupo fica clara, também, através das interlocuções que procura promover, através de provocações como “é ou não é?” e “fala a verdade”, e através da citação do conjunto musical Titãs, uma referência marcante de grande parte dos jovens brasileiros.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Porém, para além das formas lingüísticas, a performance de Serra causa um efeito interessante a seu discurso. Os sorrisos constantes emprestam, de fato, um ar descontraído, informal e íntimo a seu pronunciamento, o que confere um caráter jovial ao programa. Sua fala é pausada, o que difere de seus pronunciamentos regulares, a duração intrínseca às sílabas é alongada, a tessitura se apresenta em um nível mais baixo e o volume bem abaixo do que lhe é característico. Temos aqui uma semelhança notável com a maneira de falar dos jovens brasileiros, repleta de modulações “desleixadas”, percebidas como se o aparelho fonador não se articulasse como deveria para produzir os sons, ocasionando uma fala relativamente “arrastada”, de ritmo cadenciado. Estes fenômenos discursivos funcionam como um artifício de se aproximar ao universo daqueles que ele supõe serem seus interlocutores a fim de chamar a atenção desses jovens e preparar o terreno para as medidas que se anunciarão em seguida, referindo-se à cultura, educação e segurança, expressa através da voz de outros jovens.

Considerações finais

A voz parece sempre ter sido um elemento privilegiado na produção das imagens construídas pelos enunciadores no dizer. Concebidas, ao mesmo tempo, como exterioridade e interioridade dos sujeitos, as modulações vocais indicam feições do corpo e estados da alma que podem incidir na constituição, na formulação e na circulação dos sentidos na sociedade. Particularmente, os elementos suprasegmentais prosódicos, como vimos, desempenham funções gramaticais, pragmáticas e discursivas decisivas que sobredeterminam e delimitam as significações lingüísticas: a partir dos tons, identificamos se a asserção é uma declaração afirmativa, uma questão, um período incompleto etc.; por meio das entoações congregam-se à língua as dimensões ilocucionária e perlocucionária, marca-se o foco do enunciado e estruturam-se pressupostos argumentativos da fala; já a tessitura frequentemente indica em níveis baixos “razão” e “autoridade” e em níveis agudos, “contestação” e “excitação”; por seu turno, o uso das pausas e do tempo de fala pode representar uma tentativa de restrição interpretativa e/ou uma atitude de reforço da autoridade do enunciador e do que é dito por ele; as variações do volume, enfim, são empregadas no intuito de ajustar a fala ao ambiente físico, às condições culturais e ao contexto histórico em que ela se desenvolve (Cagliari, 1992).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Tomando por objeto aquilo que se identifica como um tipo de fala pública, no entanto artificial⁴, nos deparamos com um campo fértil no que diz respeito à mobilização destes recursos de modulação vocal. Ao lado da exploração de recursos tecnológicos, de uma variedade de gêneros discursivos, a dimensão simbólica do corpo se nos apresenta enquanto paráfrase dos discursos cristalizados em uma formação discursiva, dando origem a efeitos de sentido por sua relação com as formações discursivas antagonistas. Tem-se, desta feita, que as modulações que condicionam o dizer podem reiterar, redundar e/ou reforçar os efeitos de sentido produzidos pelas relações parafrásticas que se engendram no interior dos enunciados, ou seja, no dito.

Em nosso estudo de caso, observamos um quadro em que figura o homem político e suas incansáveis tentativas de afastar de si o *ethos* que comumente recai aos integrantes do universo político contemporâneo, *ethos* este que se relaciona à imagem de mentiroso, corrupto, desonesto e mau caráter. Na contemporaneidade, estas tentativas tornam-se mais evidentes na medida em que a desconfiança dos eleitores cresce devido ao fato de que os pronunciamentos que os interpela como interlocutores é, ao invés de espontâneo e sincero, fruto do pensamento de outra pessoa que não o político em questão, já que o trabalho das assessorias políticas e equipes de marketing se encarrega da formulação prévia de seus discursos. Como simular, então, a coincidência entre o dito e o dizer?

A partir de nossas análises, pudemos constatar um conjunto de recursos mobilizados por ambos os partidos na construção de efeito de sentido de sinceridade e espontaneidade em seus discursos. Várias instâncias semiológicas do sincretismo inerente aos discursos políticos eleitorais contemporâneos concorrem para oferecer provas destes efeitos. No que diz respeito aos fenômenos discursivos nos quais a voz desempenha papel fundamental, destacamos, sobretudo, o processo de construção do *ethos* dos locutores. Conforme dito anteriormente, a voz é um instrumento privilegiado de construção de identidades, visto que sua expressão constitui a exterioridade e dá margem à materialização da interioridade dos sujeitos. Vimos em nossas análises, de maneira muito peculiar, as modulações vocais construírem imagens de

⁴ “[...] os HGPE são o produto de um processo reconhecidamente técnico e 'artificial', resultado da edição do que foi gravado e da exibição exclusiva daquilo que pode e deve aparecer e ser dito. Neles não há lugar para o improviso, mas há amplas possibilidades de simulação e dissimulação. E é justamente pelo fato de ser um produto 'artificial' que se torna imperativo dar-lhe uma aparência 'natural' e, por consequente, verdadeira”, (PIOVEZANI, 2008, p. 280)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

homens cordiais, com volume baixo, abuso de pausas, tempo desacelerado e um nível de tessitura que tende para o agudo, e imagens de políticos sérios, competentes, através de volume alto, alongamento de sílabas tônicas, ausência de índices de hesitação como pausas fora do esperado, tempo acelerado e ritmo cadenciado. Vimos, também, no decorrer dos programas, estas imagens se relacionarem de maneira complementar, relação que evolui até o nível de conviverem na mesma sentença. É com base na complementaridade destes dois *ethe* que se contrapõem no âmbito dos paradoxos emoção/razão, ego/ofício, caráter/competência, que o ethos do sujeito político contemporâneo toma forma, transitando da esfera pública para a esfera privada e retornando à primeira, ou por vezes se pronunciando a partir das duas. Para conquistar seus eleitores, os candidatos concorrentes da eleição presidencial de 2010 têm de traçar uma imagem de si, através de seu corpo e sua voz, para muito além do potencial do verbo, pois apenas dizer não é o suficiente, enquanto honestos e capacitados. E é através da *maneira de dizer* que vemos este sentido tomar forma, imprimindo ora autoridade, ora intimidade; ora racionalidade, ora subjetividade à fala dos candidatos. Aqui, é a *maneira de dizer* que dá forma a este jogo de imagens e de sentidos; é a *maneira de dizer* que, simulando espontaneidade, autenticidade, franqueza e sinceridade, legitima aquilo que é dito através da indicação de uma coincidência entre o pensar e o agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. “Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso”. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008
- CAGLIARI, L. C. “Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos”. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 23, Campinas, 1992, p. 137-151.
- COURTINE, J-J. “Deslizamentos do espetáculo político”. In: GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.
- COURTINE, J-J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Organização e tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.
- COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. 4ª ed., Lisboa: Vega, 1992.

MADUREIRA, S. “A matéria fônica, os efeitos de sentido e os papéis do falante”. In: Delta, vol. 12, n. 1, São Paulo, 1996, p. 87-93.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso. (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MALDIDIER, D. “A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux”. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Org.) *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 39-62.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

OSAKABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

PIOVEZANI, C. *Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.